

**REFLEXÕES DROMOLÓGICAS SOBRE TEMPO, PODER E DIREITO:
TEMPO CONSUMO *VERSUS* TEMPO SANTUÁRIO**

**REFLEXIONES DROMOLÓGICAS SOBRE TIEMPO, EL PODER Y
DERECHO: TIEMPO CONSUMO *VERSUS* TIEMPO SANTUARIO**

Allan Hahnemann Ferreira¹

RESUMO: Neste artigo pretende-se levantar algumas reflexões sobre a temática “Tempo, Poder e Direito”. A medição do tempo tem sido uma matéria não só de interesse, de curiosidade, de debate, mas também de estudos durante toda a trajetória da vida humana. Buscou-se situar a atuação do tempo no direito, bem como, brevemente debater as relações do tempo como categoria na história, na antropologia e na sociologia. Trabalhou-se o tempo veloz, ou seja, a velocidade como elemento central da atual sociedade de consumo, assim, não se vive num democracia, mas sim num dromocracia (governo do tempo, da velocidade). Em contraposição a este tempo veloz do consumo trabalhou-se a concepção do tempo santuário, ou seja, aquele tempo das matrizes religiosas de origem afrobrasileira, em especial, do candomblé. Esse tempo sagrado é circular, a-histórico, reversível, rompendo com a lógica do tempo do consumo.

Palavras-chave: dromologia; tempo santuário; tempo do direito; tempo consumo; tempo poder.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo plantear algunas reflexiones sobre el tema "El tiempo, poder y Derecho". La medida del tiempo no sólo ha sido un tema de interés, la curiosidad, el debate, pero también estudios a través del curso de la vida humana. Hemos tratado de situar la acción del tiempo en el derecho, así como, discutir brevemente la relación del tiempo de clase como la historia, la antropología y la sociología. Trabajó hasta el tiempo más rápido, es decir, la velocidad es un elemento central de la sociedad de consumo de hoy en día, por lo que no vivimos en una democracia, sino una dromocracy (gobierno del tiempo, de la velocidad). En contraste con este tiempo del consumo, trabajamos con el tiempo santuario, tiempo de diseño, es decir, que el tiempo de la sede religiosa de origen afro-brasileña, especialmente Candomblé. Este tiempo sagrado es circular, ahistórico, reversible, rompiendo con la lógica del tiempo de lo consumo.

Palabras llave: dromología; tiempo santuário; tiempo del derecho; tiempo consumo; tiempo poder.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2005). Especialista em Criminologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG (2007). Mestre em “Sociologia e Direito” pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD) da Universidade Federal Fluminense – UFF (2011). Pesquisador do Laboratório Cidade e Poder – UFF/RJ. Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) – *Câmpus* Cidade de Goiás. Advogado OAB - GO, membro Fundador do Cerrado Assessoria Jurídica Popular – GO e membro da Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares (RENAP) – GO. Conselheiro Regional (Centro Oeste/GO) do Instituto de Pesquisa, Direito e Movimentos Sociais (IPDMS).

1. Introdução

A medição do tempo tem sido uma matéria não só de interesse, de curiosidade, de debate, mas também de estudos durante toda a trajetória da vida humana.

Entende-se que o tempo é sócio-histórico, radicalmente cultural, produto das construções coletivas da história, assim, não é coisa externa, substantiva, é uma operação em constante curso de elaboração, daí, eleger o termo “temporalizar” para designar o debate sobre o tempo com o fez Francis Ost, relacionando sempre tempo e poder, na verdade, tempo é poder.

Inicialmente fez-se um diálogo com Francis Ost, *O tempo do direito*, e com dois textos de Ronaldo Lobão *Relações Tempo/Espaço/Cognição* e *Uma viagem pelos tempos*, buscando situar a atuação do tempo no direito, bem como, brevemente debater as relações do tempo como categoria na história, na antropologia e na sociologia.

Posteriormente, buscou-se trabalhar com a obra de Paul Virilio, *Speed and Politics*, onde o autor situa o tempo, não só esse, mas o tempo veloz, a velocidade como elemento central da atual sociedade de consumo, considerando a velocidade como o valor a partir da revolução técnica-científica e de sua conexão com o sistema capitalista. Logo, não se vive num democracia, mas sim num dromocracia (governo do tempo, da velocidade).

Por fim trabalha-se a concepção do tempo santuário ou mesmo do tempo sagrado, ou seja, aquele tempo das matrizes religiosas de origem africana, em especial, do candomblé, bem como, das demais tradições culturais e populares afro-brasileiras, que também usufruem desse tempo não linear, como a capoeira de angola, os reizados, os cavalos-marinhos, folias de reis, congos, rei-congos, maracatus, dentre outros.

Esse tempo circular, a-histórico, subjetivo, reversível, tempo da tradição, tempo dos mitos, tempo da memória viva, tempo da história oral, quebra a lógica da velocidade, do tempo do consumo, no entanto, também sofre as pressões culturais e políticas deste tempo da modernidade ocidental, cristã-judaica, que é hegemônico.

O trabalho é permeado tanto pelas atividades e projetos desenvolvidos cotidianamente na prática - onde se tem atuado enquanto membro de uma comunidade de candomblé em Goiânia – Goiás nos últimos 05 anos, e ainda, como praticante de

capoeira angola por 04 anos, bem como, pelos referenciais teóricos que calcou tais práticas. Assim, pretende ser tal ensaio um instrumento de contribuição para essa mesma prática, seja candomblecista, seja angoleira, seja acadêmica, seja da advocacia popular militante, buscando refletir e aperfeiçoar as atividades realizadas e futuros trabalhos acadêmicos e teóricos sobre os temas.

Buscou-se aplicar sobre o conteúdo teórico estudado, bem como, sobre a experiência antropológica vivenciada a metodologia indiciária ou clínica presente no pensamento de Carlo Ginzburg². O método indiciário ensina que se deve seguir as pistas, os rastros, os sintomas, os signos, os símbolos, os sinais, tendo estes, como ponto de partida para se fazer o raciocínio analítico.

Carlo Ginzburg une a referência técnica com a epistemológica a partir do método indiciário ou clínico³. Cada suposição é confrontada com a observação através da comparação, daí Thomas A. Sebeok e Umberto Eco afirmarem que o método dos detetives, método clínico, método indiciário, estético-expressivo, abduutivo, constitui-se o próprio método da ciência⁴.

Sherlock Holmes, personagem criado pelo médico e escritor inglês Conan Doyle, foi um investigador do final do séc. XIX e início do século XX, que utilizava o método dos detetives, método indiciário ou clínico, com suas hipóteses, deduções, abduções, suposições para resolver os mistérios para os quais era contratado.

Esse método exige observar atentamente os detalhes pormenores, as particularidades inéditas, as insignificâncias, exige-se ter um olhar clínico minucioso sobre o objeto em investigação, ao mesmo instante, o método é criativo, divertido, imaginativo⁵.

Destaca-se que este método indiciário quer fazer falar, quer saber, quer descobrir formas de saber introjetadas tendencialmente mudas, escondidas, reificadas, “interditas”.

² GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ GINZBURG, Carlo., 1990, op. Cit..

⁴ ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A., organizadores, *O Signo de Três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

⁵ Idem, *ibidem*, p.30.

2. Tempos no Tempo: Reflexões da categoria

Eu não sei o que é o tempo, desconheço qual seja sua verdadeira medida, se contudo, ele possuir uma. A dos relógios, sei que é falsa. Ela divide o tempo espacialmente, do exterior. A das emoções sei que é falsa: ela divide não o tempo, mas a sensação do tempo. (Fernando Pessoa)

A epígrafe acima aponta uma crítica do poeta Fernando Pessoa sobre a medição do tempo físico e do tempo subjetivo.

Do tempo físico depreende-se aquela definição de tempo linear, objetiva, física, mensurável, quantificável, tempo dos relógios. Deste tempo afirmava Aristóteles que é “o número do movimento de acordo com o antes e o depois”⁶.

Organizando o pensamento racional, séculos mais tarde, Kant defenderá o tempo físico discutindo o espaço, construindo um quadro formal que permite a estruturação de qualquer experiência possível⁷.

Sob a percepção mais imediata, superficial, individual, estaria o tempo subjetivo. Santo Agostinho sentindo o tempo escapar-lhe rogava: “Ó senhor meu Pai, vós sois eterno. Mas eu, estou disperso no tempo, cuja ordem ignoro”⁸.

Para François Ost o tempo é sócio-histórico, radicalmente cultural, produto das construções coletivas da história, assim, não é coisa externa, substantiva, é uma operação em constante curso de elaboração, daí, eleger o termo “temporalizar” para designar o debate sobre o tempo⁹. Ademais, ilustra que o *direito* afeta diretamente a temporalização do tempo, ao mesmo tempo que o tempo acaba por determinar a força instituinte do direito¹⁰.

A história dos calendários e outros instrumentos de medida do tempo ilustram bem como o tempo recebe dimensões diferenciadas em cada sociedade, em cada tempo histórico, em cada construção cultural.

François Ost defende que o calendário é um “*sistema social de medida do tempo articulado*”, tanto com base na repetição de determinados fenômenos cósmicos, confirmados pela Astronomia (astrônomos do alto Egito como da Civilização

⁶ ARISTÓTELES. *Physique*. Paris: Belles Lettres, 1952. 219b2, p.150 *apud* OST, François, EDUSC: , ANO, p.22.

⁷ OST, François. *O tempo do direito*. Bauru: EDUSC: 2005, p.22.

⁸ AUGUSTIN, Saint. *Les Confessions*. Traduit par J. Trabucco. Paris: Garnier, 1964 *apud* OST, François, EDUSC; p.22.

⁹ OST, François., *op. Cit.*, 2005, p.23.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p.12-13.

Maia acertaram um calendário com média de 365 dias), quanto ancorado no reconhecimento de um acontecimento histórico fundante a partir do qual passa a ter sentido social a marcha histórico-temporal (o nascimento do Cristo na civilização cristã, o início da hégira – ou fuga de Maomé para Medina – na civilização muçulmana).¹¹

Ost dialogando com N. Elias retrata que com o nascimento do Estado, mesmo da Igreja Católica no caso, foi estratégico para dar nova significação ao tempo, numa perspectiva não cíclica, as “eras” de longo alcance, suscetível de “*sustentar a imagem de sua continuidade*”.¹²

O tempo enquanto manifestação de poder começa a ser destacado, assim, “(...) *quem for apto a impor aos outros componentes sociais sua construção temporal é o verdadeiro detentor do poder*”¹³. Hoje, visualiza-se que o mercado impõe seu tempo e dita a medida a todos os Estados no quadro da economia globalizada.

Ronaldo Lobão defende que essa idéia de um tempo linear, objetivo, reversível e independente foi estrategicamente construída pelo mundo ocidental, possibilitando a consolidação de formas poderosas de dominação simbólicas, políticas, sociais e econômicas. Entretanto, revela a fragilidade dessa concepção de tempo ao ser confrontada com a “Nova Física”¹⁴.

Sabe-se que desde a Grécia clássica, para falarmos da civilização ocidental, representações de tempo e espaço, estão sempre imbricadas em relações de poder.

Os Antropólogos a partir do século XIX desenvolveram uma idéia de espacialização do tempo, em que têm abordado três dimensões do Tempo: 01) Tempo físico, parâmetro descritivo de processos sócio-culturais; 2) Tempo plotado em escalas, duas sub-divisões: tempo mundano e tempo tipológico. Aquele aglutina períodos de tempo em grande escala, aos quais é dispensável a qualificação detalhada, ex. Idade de Ouro. Este último cobre períodos de tempo não tão longos e têm características comuns e opostas, ex. tempo tradição *versus* tempo modernidade, tempo campesinato *versus*

¹¹ Idem, *ibidem*, p.23.

¹² ELIAS, N. *Du temps*. Traduit par M. Hulin. Paris: Fayard, 1996, p.64 *apud* OST, François., op. Cit., 2005, p.24.

¹³ SUE, R. *Temps ET ordre social*, Paris: PUF, 1994, p.20 *apud* OST, François., op. Cit., 2005, p.25.

¹⁴ LOBÃO, Ronaldo. *Relações Tempo/Espaço/Cognição*. Texto inédito parte inicial do Capítulo 5 da tese de doutorado defendida no PPGAS/UNB em 2006, Nitéroi: PPGSD-UFF, 2009, p.02.

tempo urbano, tempo das sociedades com escrita *versus* tempo das sociedades sem escrita; 3) Tempo Intersubjetivo¹⁵.

Ademais, sob a lente do antropólogo, isto é, do seu sujeito-objeto de estudo, da sua produção de conhecimento, aponta-se análises para as relações entre a perspectiva temporal como cosmologia de poder e seu vínculo com a territorialidade, assim: “*relações entre os povos e sociedades que estudam e aqueles que são estudados as relações entre a antropologia e seu objeto é inevitavelmente política: a produção do conhecimento ocorre em um fórum público de relações internas aos grupos, entre as classes e internacionais*”¹⁶.

Deve-se ressaltar a importância da Antropologia na busca de território pelo Ocidente, assim, utilizou-se o Tempo para acomodar a História unilinear: “*progresso, desenvolvimento, modernidade (e suas imagens contrárias: estagnação, subdesenvolvimento, tradição)*”¹⁷, em suma, como defende Ronaldo Lobão, a “geopolítica” do ocidente tem seus fundamentos em uma “cronopolítica”, ou seja, uma política do tempo, um Estado do tempo.

Tempo e poder estão imbricados, em especial, as manipulações da formatação do tempo físico decorreram em estratégias de poder político.

No campo histórico, afirma-se que o tempo dominado pela teologia cristã-judaica representou uma ruptura na visão grega do tempo cíclico. O judaísmo logrou êxito em vincular o tempo ao espaço, inova na irreversibilidade do tempo. O cristianismo determina um tempo linear, com sentido e um fim, ou seja, no “*fim da história a salvação*”¹⁸.

O tempo na sociedade ocidental cristã-judaica impõe uma certa “ordem”, ou mesmo, uma ordenação social. Veja-se o calendário ocidental, amplamente mundializado, foi inaugurado por Júlio César, ano 45 a.C..

Ronaldo Lobão aponta que inicialmente o calendário era regido pelos ciclos lunares, no entanto, isso representava uma defasagem em relação ao ano solar, de quase quatro meses, o que alterava profundamente a dinâmica das estações, logo, o ano de 46 a.C. teve 445 dias. Roma passa a adotar o calendário solar, de 365 dias e ¼, sendo

¹⁵ FABIAN, Johannes. *The Time and the Other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 1983, p.21-25 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.05.

¹⁶ FABIAN, Johannes., op. Cit., 1983, p.143 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.06.

¹⁷ FABIAN, Johannes., op. Cit., 1983, p.144 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.06-07.

¹⁸ LOBÃO, Ronaldo, *Uma viagem pelos tempos*, Texto inédito, Nitéroí: PPGSD-UFF, 2009B, p.05/06.

assim, instaurou um ano bissexto a cada quatro anos. Também foi nessa época a determinação de que os meses de janeiro, março, julho, setembro e novembro teriam 31 dias e os demais meses 30 dias, com a ressalva de fevereiro que teria 29 dias, para que nos anos bissextos fosse adicionado o trigésimo dia.¹⁹

Ocorre que em 7 a.C. esse arranjo temporal sofreu uma interferência, uma homenagem a Augusto deu-se seu nome ao mês “Sextilis”, sendo que àquele Imperador considerava esse seu mês de sorte. Atribuíram-lhe o mesmo número de dias do mês precedente, assim, um dia foi retirado de fevereiro e transferido para agosto e para evitar a ocorrência sucessiva de meses de 31 dias, setembro e novembro foram reduzidos a 30 dias, outubro e dezembro passaram a ter 31 dias. O arranjo homenageante ao primeiro dos Imperadores Romanos representa uma equação ilógica difícil de memorizar ou mesmo de entender, no entanto, há 2012 anos é exitosa sua imposição ao mundo ocidental²⁰.

A fixação da semana no calendário ocidental também se deu no mesmo período histórico, inspiração da Gênese judaico-cristão de sete dias. Em grande parte da África o ciclo semanal era composto de cinco dias, bem como, em outras civilizações da América Central. Já os Incas tinham uma semana em ciclos de oito dias e outros grupos étnicos da Indonésia marcavam a semana em ciclos variáveis de até dez dias²¹.

A Igreja Católica possuía uma necessidade de conciliar as datas com as festas pagãs, como a Páscoa, com o equinócio no hemisfério norte e o início das estações, daí a imprescindível alteração imposta pelo calendário gregoriano, atualmente em pleno vigor. Assim, para corrigir o equinócio, onze dias foram retirados do calendário ocidental (judaico-cristão), logo, o dia seguinte ao dia 04 de outubro de 1582 foi o dia 15 de outubro de 1582, impor-se-ia um novo sistema de determinação dos anos bissextos²².

Os países católicos imediatamente adotaram o calendário gregoriano, o que não aconteceu com os países protestantes, assim sendo, a Inglaterra só aderiu ao novo calendário em 1752 e a Rússia só após 1917, sendo que, mais dias tiveram que ser

¹⁹ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.06.

²⁰ WHITROW, G. W. 1993. O Tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.06.

²¹ AVENY, Anthony. 1995. *Empires of Time: calendars, clocks and cultures*. New York: Kodansha America *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.06.

²² LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.07.

eliminados²³. O calendário gregoriano enquanto concepção linear do tempo ocidental é hegemônico nos dias vindouros, prevaleceu na contagem do “tempo” oficial, do Estado, da Igreja e impôs necessidades as outras formas de “temporalização”, marcadas por rituais e eventos particulares de grupos étnicos e tradições culturais.

A contagem dos dias, meses e anos estavam padronizadas, assim, faltava o ajuste da medição das horas, veja-se:

Os relógios de sol, de água ou as ampulhetas mediam durações locais muito curtas ou possuíam inconvenientes insuperáveis como dias nublados, ou frios intensos que congelavam a água. Um pequeno invento, no século XIII, permitiu a construção de relógios mecânicos: o escalpo. No século XIV os primeiros relógios mecânicos se espalharam pela Europa, localizados não mais nas igrejas, mas em locais públicos. Foram estes relógios os responsáveis pela disseminação da hora de sessenta minutos no continente. Eles começaram a participar do controle da produção e do trabalho.²⁴

Era dessa “cronopolítica” e “cronoeconomia” que se supramencionava, assim, transformou-se a medição do tempo em economia do tempo, contabilidade do tempo, racionalidade do tempo, logo, tempo e poder passaram a estar cada vez mais imbricados. Ao Estado – Nação, ao Estado Moderno, interessava essa comparação do tempo com o mecanismo de um relógio, sem percalços, de maneira ordenada, objetiva, irreversível, linear e contabilizável o tempo seria manejado assim como planejado.²⁵

O tempo necessitou ainda ser laicizado para ser mais ‘útil’ ao sistema econômico e político em formação no Ocidente, dessa maneira, o tempo físico libertar-se-ia dos grilhões políticos da Igreja Católica e passaria à seara da teorização científica-acadêmica²⁶.

O novo tempo que precisou ser “inventado” foi o tempo físico newtoniano, assim, científico, neutro, objetivo, independente, ordenado e para ordenar, capaz de dar guarida as leis do movimento, enfim, capaz de sustentar a possibilidade dos acontecimentos ‘científicos’ serem submetidos à previsibilidade.²⁷

O tempo laico e sob o controle “neutro e objetivo” da ciência, seria o ‘novo’ tempo estratégico para construir a nova ordem política e econômica que emergia,

²³ Idem, ibidem, p.07.

²⁴ WHITROW, G. W., op. Cit, 1993, p.126 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.07.

²⁵ WHITROW, G. W., op. Cit, 1993, p.140 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.07.

²⁶ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.08.

²⁷ Idem, ibidem, p.08.

o tempo que correspondia às necessidades daquela fase do sistema capitalista, daquele momento histórico da I e da II Revolução Industrial, enfim, o ‘tempo newtoniano’ foi o tempo ‘chave’ utilizado nas revoltas burguesas e na ascensão política dessa classe social.

Esse “novo tempo” possibilitou que a Inglaterra dominasse os mares, permitiu uma maior segurança nas navegações, utilizando-se do desenvolvimento do relógio de pêndulo e da ‘horologia’.²⁸

Adam Smith, David Ricardo e outros liberais levantaram que a origem do valor era o trabalho, logo, associaram o tempo como um dos integrantes do cálculo do valor das mercadorias²⁹.

De qualquer maneira, o tempo físico passou a ser contabilizado, contado, medido em tempo trabalho, em tempo produção, em tempo mercadoria, em tempo-valor, passou a ser utilizado na equação valor de troca das mercadorias, assim, quanto maior a precisão na medição do tempo, maiores lucros, maior controle sobre a riqueza das nações³⁰.

Durante o auge do renascimento, em especial na Europa Ocidental, questionou-se o poder político que antes era garantido na predestinação divina. A Revolta Protestante, a Revolução Francesa, bem como, a Revolução Industrial foram acontecimentos históricos que questionaram tal lógica de sustentação do absolutismo monárquico de origem divina.

Ora, a manipulação do tempo e do espaço serviram bem à essa fase de evolução do capitalismo e do imperialismo eurocêntrico, em especial na construção do Estado Nação. Nação seria “*uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana*”³¹. Imaginada porque inculcada nas mentes dos membros de cada nação, sendo, sua soberania seria garantida pelo Estado forte, que também regularia as relações comunitárias horizontais.

São Tomas de Aquino, no século XII, muito influenciado pelos pensamentos de Aristóteles, acabou por formular uma teoria de causalidade, na qual toda ação tem uma causa e um efeito, correspondendo a existência de uma causa

²⁸ Idem, ibidem, p.08.

²⁹ Idem, ibidem, p.08.

³⁰ Idem, ibidem, p.08.

³¹ ANDERSON, Benedict. 1989. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Editora Ática, p.14 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.08/09.

primeira e uma causa última, sendo que, “Deus” ocuparia estas duas posições dentro do pensamento tomista³².

A base desse pensamento tomista permitiu o repensar da história com a perspectiva da simultaneidade, ou seja, a presença conjunta de passado e futuro no momento agora (presente), como afirma, Ronaldo Lobão “*determinada pela figura de Deus*”³³.

Essa laicização das concepções de tempo e espaço possibilitou a substituição da imagem do Deus onipresente pela idéia da simultaneidade, com um tempo homogêneo e vazio, ademais, permitiu-se uma percepção do tempo em forma linear, contínua e para o progresso, “*ao estabelecer a antinomia entre o terreno e o celeste*”³⁴.

Esse pensamento tomista permite o rompimento com o tempo cíclico, tempo ritual, tempo subjetivo e inaugura a concepção do tempo linear – progressivo, objetivo, contínuo, racional, irreversível - fundadora da modernidade ocidental. Ademais, o tempo histórico foi acelerado, “*através da subordinação do presente e do passado a uma teleologia*”, logo, o tempo histórico positivista é classificado como ‘utópico’ (em nenhum lugar específico)³⁵.

O calendário e o relógio são os símbolos e instrumentos fortes dessa mudança³⁶. Nesse momento histórico e estrategicamente compondo a nova forma de poder do capitalismo entende-se que o tempo representou uma categoria construída para legitimar essa nova ordem política e social, assim, inicia-se o esvaziamento dos sentidos sociais; o enfraquecimento das particularidades das tradições populares, bem como, a subjugação das subjetividades da diversidade cultural.

No período Renascentista retomou-se a teoria cíclica da história, em destaque a valorização das referências da antiguidade clássica para vários setores do conhecimento (cultura, educação, política, etc.), logo, os filósofos do século XVIII conviveram com as duas concepções de tempo: a cíclica e a linear³⁷. Diversos

³² MATTOS, Carlos Lopes. 2000. Santo Tomás de Aquino: Vida e Obra. In: Tomás de Aquino. São Paulo: Editora Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores) *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.09.

³³ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.09.

³⁴ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009B, p.01.

³⁵ Idem, *ibidem*, p.06.

³⁶ ANDERSON, Benedict. Op. Cit., 1989 *apud* LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009, p.09.

³⁷ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009B, p.01/02.

entrecruzamentos dessas concepções operaram-se nas obras e pensamentos de diversos filósofos iluministas.

Um mudança substantiva na discussão sobre o tempo vem com Albert Einstein no século XX e com sua Teoria Particular da Relatividade. Nessa teoria de Einstein valoriza-se a velocidade da luz e não isoladamente o tempo ou o espaço, logo, o tempo passa a ser variável para diversos observadores, situados em locais (espaço) ou velocidade diferentes³⁸.

O tempo que se pode medir é variável, ademais, o espaço também passou a ser relativo, podendo aumentar ou diminuir seu ‘tamanho’ de acordo com as atrações mútuas. Opera-se o rompimento de alguns paradigmas, o determinismo cai em prol da probabilidade, a reversibilidade em favor da irreversibilidade. Assim, a discussão do tempo, tanto na Física, quanto na Filosofia, ganharam o mesmo sentido, ou seja, ambos campos de conhecimento não podem precisar o que é o tempo, limitam-se “*apenas reconhecê-lo nas experiências e nas formas que descrevemos o mundo*”³⁹.

3. “O futuro se faz agora”: o tempo do consumo e a dromologia

A imposição do tempo no capitalismo formatou uma concepção de tempo mensurável, contado, medido, cumprindo um papel dentro da escala de produção e circulação de capitais, ousa-se afirmar que se vive no império do presente.

Adam Smith na divisão do trabalho adequou o tempo numa forma de se produzir mais em menos tempo. A produção de maiores quantidades em menos tempo e com menor custo foi a seara de “produtividade e eficiência” valorizadas pelo fordismo⁴⁰.

A especialização flexível, a mecanização da produção industrial, o desemprego estrutural, bem como, a circulação de capitais voláteis, são características na fase atual do capitalismo que acabam por impor um menor tempo de adequação da produção às mudanças do mercado. Assim, a compressão entre tempo e espaço, numa esfera globalizada, orienta-se ao “futuro que se faz agora”.

No livro *Speed and Politics (Velocidade e Política)* Paul Virilio faz uma releitura do mundo, da história do Ocidente, a partir da perspectiva de que a lógica da

³⁸ Idem, ibidem, p.02.

³⁹ LOBÃO, Ronaldo. Op. Cit., 2009B, p.04.

⁴⁰ Idem, ibidem, p.08.

corrida tornou-se a referência absoluta, equivalente geral, a velocidade substitui a riqueza⁴¹.

Virilio vai considerar a velocidade como valor a partir do advento da revolução técnica-científica e de sua conexão com a revolução política. Essa é idéia central do texto, a partir da qual o autor passa a articular sua construção.

O autor defende que nas revoluções modernas as massas são as reais produtoras da velocidade necessária para tomar de assalto o poder, porém, apesar de produtoras, não controlam essa velocidade, não a detêm, como não detêm os meios de produção no processo capitalista, e acabam por ser massas de manobra nas mãos de uma classe industrial-militar, esta sim, capitaliza a velocidade dessa guerra, investe na ocupação e no controle do espaço-território e de tudo que neles circula, logo, as revoluções modernas instauram a *ditadura do movimento* com as de *nações em marcha*⁴².

A velocidade do assalto no advento da guerra antes se exercia sobre o espaço territorial (terra). Posteriormente, com advento tecnológico essa velocidade transforma-se e abandona a terra, seus obstáculos, estradas, e desaparece no horizonte. Assim, a estratégia da guerra muda, pois não se quer mais dominar pelo confronto, mas pelo constante deslocamento de forças que geram uma ameaça e um terror permanente.

O “direito ao mar” como criação ocidental, associa-se mais tarde, com o “direito ao espaço aéreo”. A Inglaterra, conseguiria pelo domínio do mar, vencer sem lutar com um adversário continental. É exatamente o domínio dos ingleses sobre os mares que marcam esse período, criando uma zona de insegurança global que permite prolongar indefinidamente o sentimento de hostilidades. A velocidade começa a se desterritorializar, e atenção se desloca para o dinamismo dos corpos automotivos (em movimento).

A velocidade passa a ser um valor puro, autônomo, que ameaça ultrapassar até mesmo o valor do capital. No mar, com os ingleses, a velocidade passa a ser técnica, tecnológica, deixa de ser natural-metabólica (humana).

Paul Virilio exemplifica referindo-se a Napoleão e a Hitler, derrotados pelos homens da *fleet in being*. Seriam derrotados pela inacessibilidade para o combate.

⁴¹ VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

⁴² VIRILIO, Paul. Op. Cit., 1996, p.17/45.

O *fleet in being* é exatamente a “logística realizando plenamente a estratégia como arte do movimento dos corpos não vistos”⁴³.

A nova idéia dromocrática (governo da velocidade) criada pelo *fleet in being* conduz a um deslocamento que não teria destinação no espaço e no tempo, não representa a ida de um lugar a outro, de uma margem a outra, impõe a idéia inovadora do desaparecimento da distância e não mais nos riscos da conflagração direta. Exige-se que ao não se situar no espaço físico da terra (espaço), situe-se ao menos no Tempo, isto é, na mecânica planetária, por isso, afirmar o autor que os ingleses permaneceram por muito tempo como os melhores relojoeiros do mundo, o domínio do mar, exige o poder do Tempo, exige “visar a lua”, tem-se aí a *Guerra do Tempo*⁴⁴.

A Inglaterra com essa estratégia-logística passa a priorizar inovações técnicas, tecnológicas, no campo dos transportes, máquinas a vapor, engenhos rápidos, daí tira sua superioridade econômica, torna-se a primeira grande nação industrial. Nesse ponto, Paul Virilio afirma que não há mais “revolução industrial” e sim “revolução dromocrática”, a dromocracia vigora em detrimento da democracia, e a dromologia supera a estratégia.

Num apanhado futurista e profético, Paul Virilio demonstra que o monopólio do poder do Tempo exige que a toda nova máquina seja logo contraposta por outra mais rápida ainda, e assim por diante, numa lógica ensandecida e infinita. Os engenhos tecnológicos passam freqüentemente a se tornar obsoletos, antes mesmo de serem usados, o produto fica literalmente gasto e descartável antes de ser aproveitado, é ultrapassado pela própria velocidade da inovação⁴⁵. Acrescenta-se, pela própria velocidade da produção competitiva, velocidade pela velocidade de levar o produto mais moderno à guerra ou ao mercado em guerra.

É uma velocidade na indústria voltada ao consumo frenético, que a produção ensandecida retroalimenta, é uma disputa de corrida, quem é mais rápido pra produzir a tecnologia de última geração, de ponta. Visualizamos hoje, especialmente nos automóveis, computadores, celulares, demais aparelhos eletro-eletrônicos a disputa com um viés publicitário muito forte, é a disputa do tecnologismo “cool”, da moda.

A velocidade como a medida, o valor puro em si, ela mesma divide a humanidade em *povos esperançosos* (os que capitalizam a velocidade o suficiente para

⁴³ Idem, ibidem, p.50.

⁴⁴ Idem, ibidem, p.55/56.

⁴⁵ Idem, ibidem, p.57.

continuarem projetando-a infinitamente) e *povos desesperançosos* (imobilizados pela inferioridade de seus veículos técnicos, vivendo e subsistindo num mundo finito). A velocidade-medida torna-se a “esperança do Ocidente”, esperança de supremacia, consubstanciada no vetor tecnológico.

Virilio faz uma constatação forte ao afirmar que o homem ocidental pareceu ser superior e dominante, apesar de demograficamente menos numeroso, porque foi rápido, foi o sobrevivente, explica:

ele é o sobrevivente porque é efetivamente o *sobre-vivo* – *VIF*, a palavra francesa para *vivo* concentra pela menos três significados: prontidão, *velocidade* (*vitesse*, em francês) equiparada à violência (que vem de força viva, aresta viva, etc.), à própria vida (estar vivo é estar em vida!).⁴⁶

Em 1914 os maiores Estados europeus ainda eram *clauswitzianos* ou napoleônicos, isto é, as guerras terrestres deveriam ser de penetração rápida, de batalhas curtas e decisivas, e a vantagem desse tipo de conflito era esconder as dificuldades e problemas com a estrutura, a logística da guerra, a organização militar dos territórios, a guerra deveria apenas roçar o terreno. Lembremos do fenômeno empreendido por Hitler com a Guerra Relâmpago, *Blitzkrieg*.

O evento da 1ª Guerra Mundial, especialmente na França, foi marcado por ser uma guerra estática, longa, desgastante, entrancheirada, onde os “*exércitos já não podiam ir e vir*”, fazendo o general-comandante não ser somente um chefe de guerra, mas ainda, um ministro de um território⁴⁷.

Posteriormente, a partir de 1915, a partir da brilhante ideia do capitão de Poix, começam a construir veículos blindados capazes de percorrer todos os terrenos e que resolveriam os problemas com o estacionamento das tropas, eram os “encouraçados” ou “couraçados da terra”. Esses novos engenhos técnicos materializavam perfeitamente um pensamento estratégico: “Vencer, é avançar!”⁴⁸

Retoma-se com esse advento a comodidade da guerra, e a velocidade é a esperança do Ocidente, ela sustenta a moral dos exércitos, faz da guerra um desgaste cômodo, evento que se chama “a guerra prática”. Oferecem à velocidade à violência.

⁴⁶ Idem, ibidem, p.57.

⁴⁷ Idem, ibidem, p.62.

⁴⁸ Idem, ibidem, p.63.

O campo de batalha aproxima-se da ideia do mar livre, sem obstáculos, inteiramente percorrido pelos engenhos rápidos. A guerra fica sem terreno, este desaparece, torna-se infinito pelas trajetórias possíveis, tem-se um novo “direito à terra”, segundo Virilio, direito totalitário, como o direito marítimo, implica outra fenomenologia do destino para as massas.

Na “*sociedade dromocrática*”⁴⁹, ou seja, na sociedade da velocidade, Virilio constata os efeitos causados nos corpos pelo investimento na velocidade tecnológica. A lógica da corrida, desestimulada da terra e do mundo, e investindo progressivamente no vetor tecnológico, promove um verdadeiro assalto a natureza humana. Divide a humanidade em elites dromocráticas e o proletários-soldados ou proletários-operários.

As elites dromocráticas prezam a mobilidade como valor supremo, sabem que dominar é poder-invadir, o que os leva a buscar próteses cada vez mais sofisticadas. De outra monta, os proletários, soldados ou operários, terão seus corpos cada vez mais despotencializados, induzidos em morte lenta.

Podemos, atualizar a premissa com os implantes biotecnológicos hoje em plena pesquisa e desenvolvimento, as máquinas de inteligência artificial e instrumentos tecnologicamente sofisticados, e mesmo os super-remédios da indústria farmacêutica atual.

Segundo o autor, a progressiva desterritorialização significa para as elites uma intensificação do domínio, já para as massas, é o desenraizamento, destruição do habitat, privação de liberdade e identidade, exclusão geográfica e perda de movimento, de *anima*.

Daí, nesse contexto, a guerra moderna, no sentido da revolução tecnológica, da automação, vai prescindindo cada vez mais do proletário-soldado, e a automação da produção industrial vai tornando obsoleto o proletário-operário, renunciando o fim do proletariado.

Podemos, também, provocar uma reflexão do grande encarceramento da classe trabalhadora atual e da neo-feudalização (condomínios fechados, *resorts*, etc.) das elites econômicas, especialmente nos países da periferia capitalista, vide Brasil, Rio de Janeiro, e ainda, a crise estrutural que o capital passa em todo seu sistema. Nesse

⁴⁹ VIRILIO, Paul. Op. Cit., 1996, p.65/120.

sentido, o texto dialoga com Loic Wacquant, tanto *As prisões da miséria*, como *Punir os Pobres - A Onda Punitiva*.

Virilio, foi futurista ao prever que a progressiva superfluidade do proletariado, a desvalorização de seu corpo e de seu valor-trabalho, geraria não só uma obsolescência do proletariado, mas um fusão de interesses industriais e militares, uma desordem urbana, uma desestabilização do Estado-Nação, e especialmente, um clima de insegurança, de “medo”, que os analistas atuais classificam de “a nova (des)ordem mundial”.

O autor aponta, ainda, para a transformação da segurança numa das principais *commodities* do capitalismo contemporâneo, e como a segurança deve passar pela imobilização dos corpos, pela supressão das vontades e gestos, pela automação da vida.

Constata-se que com o viés do progresso dromocrático, a humanidade não mais será plural, vai ser cindida exclusivamente em *povos esperançosos* (elite dromocrática) e *povos desesperançosos* (proletários-soldados ou proletários-operário). Aqueles podem esperar o amanhã, o “futuro que se faz agora!”, presente e ativo, a velocidade que eles capitalizam permite o acesso ao possível. Estes quedar-se-ão inertes, imobilizados pela inferioridade do ultrapassado, obsoleto, de seus veículos e engenhos defasados, subsistindo num mundo finito e limitado. Daí, afirma que a lógica antes do saber-poder dá lugar ao poder-mover-velocidade-tempo.

Virilio quando expõe sobre “*O Estado de Emergência*”⁵⁰ explica como “*a prontidão é a própria essência da guerra*” (Sun Tsu), isto é, como se opera o estreitamento das distâncias, marcado pelo avanço tecnológico e como essa é a própria realidade estratégica com conseqüências econômicas e políticas incalculáveis, pois significou a negação do espaço e da distância, e ainda, apropriou-se do Tempo.

A manobra antiga de *ceder terreno para ganhar tempo* perde o sentido, já que o Tempo hoje é questão de vetores e o território perdeu seu significado de proteção diante do projétil. As questões foram invertidas, o valor estratégico do não lugar da velocidade suplantou o do lugar, e a posse do Tempo renovou a questão da posse territorial.

Na guerra atual, o vetor supersônico (avião, míssil, foguete, massa de ondas) fundiu o poder de destruição do fogo e o poder de penetração do movimento, se

⁵⁰ VIRILIO, Paul. Op. Cit., 1996, p.121/137.

confundem imiscuídos, são instantâneos da ação à distância, no entanto, a derrota do adversário implica a derrota do mundo como campo, como distância, como espaço⁵¹.

Assim, o mundo global configura-se num processo de contração, onde estaríamos face a face com todas as superfícies do globo, e da compressão do tempo, da velocidade, da corrida, da urgência, da vertigem do agora, referências da categoria da pós-modernidade. Estar-se-ia, ainda, na ordem do dia a guerra e o Estado de Urgência e Emergência que vivemos, o que se classifica de *miniaturização espacial-estratégica*, conhecida popularmente como *automação*.

Desarmar seria desacelerar, desfazer a corrida para o fim, limitar a velocidade dos meios de comunicação da destruição e mesmo a produção deles, até mesmo, a concepção da produção destes⁵².

Apona as dificuldades das defesas nos ataques instantâneos, supersônicos, ou seja, não podendo a defesa ativa contar com o espaço para proteger, ela deveria ter tempo material para intervir, o que também atualmente não há. Assim, resta apenas a defesa passiva, que seria tanto blindar as forças contra os ataques mesmo nucleares, e ainda, mobilizar a mesma em série de movimentos perpétuos, imprevisíveis, vigilantes e eficazes, tais como os mísseis anti-mísseis⁵³.

Migra-se do *estado de sítio* das guerras do espaço ao *estado de urgência* da guerra do tempo. Todo esse quadro, só gera uma dependência ainda maior, mesmo dos Chefes de Estado e das Forças Militares da automação, do desenvolvimento tecnológico, o que acaba gerando uma apolitização de decisões tão importantes e complexas como acionar um sistema de defesa por satélite⁵⁴.

Nesse quadro governar seria prever, simular, memorizar simulações, enfim, administrar o tempo e gerenciar a velocidade. Criticamente, explica-se que a velocidade dos meios de comunicação da destruição é cegante e extermina o espaço como campo da liberdade da ação política. Logo, a relação é funesta, quanto mais cresce a rapidez das inovações tecnológicas à guerra ou ao mercado, mais decresce a própria liberdade de decisão.

Este Estado da Urgência, da Emergência, rebaixa o Governante a um papel de “Grande Timoneiro”, tendo uma margem de liberdade bastante restrita, acaba

⁵¹ Idem, ibidem, p.123.

⁵² Idem, ibidem, p.126.

⁵³ Idem, ibidem, p.126/127.

⁵⁴ Idem, ibidem, p.128.

perdendo funções e rebaixando prerrogativas que antes eram no mínimo mais autônomas, quer seja para errar a ação humana tente a desaparecer⁵⁵.

Retoma o valor do princípio da dissuasão ao abordar a curiosa regressão contemporânea dos acordos sobre a limitação dos armamentos estratégicos. Demonstra que quando os Estados, Governos, arremessam antigas armas, projéteis, mísseis ou testam novos engenhos de destruição, o objetivo essencial não é destruir o adversário, é sim, dissuadi-lo, obrigá-lo a interromper o movimento em curso, uma espécie de guerra de intimidação, através da publicidade e propaganda do desenvolvimento tecnológico da indústria da guerra.

Elencando elementos hobbesianos opera-se uma espécie de equilíbrio de terror caracterizando-o como mais um artifício do atual estágio da indústria da guerra, onde o desequilíbrio que reina.

A guerra migrou de um estágio de ação para um de concepção, que é caracterizado pela automação, já que, as armas novas são a chave para a fatalidade da produção dos meios de destruição como fator obrigatório da não-guerra. A máquina de guerra acaba sendo o inimigo e o adversário dela própria, privando todos de sua liberdade de movimento⁵⁶.

Alerta-se: os protagonistas acabam sendo obrigados a praticar a política do pior, ou seja, “apolítica do pior”, fazendo com a que a máquina de guerra seja a profecia que se auto cumpre, isto é, a própria decisão da guerra, realizando a própria *automação da dissuasão*. Para os adeptos da dissuasão avisa que hoje vencer é recuar⁵⁷.

O valor estratégico do não-lugar da velocidade suplantou definitivamente o do lugar, assim, as guerras políticas são travadas pelo domínio do e no tempo. Os valores da dissuasão e a automação passam a ser imprescindíveis no governo do novo “tempo”, tanto no campo militar como civil, a velocidade troca a estratégia pela logística, desloca o conflito do estágio da ação para o da concepção. Daí, antecipa-se o confronto num estado constante de terror, um estado permanente de tensão, medo, possibilidade de hostilidades imediatas, constata-se uma concepção hobbesiana do homem e da sociedade.

Virilio mostra como de Esparta ao Vietnã, da Revolução Francesa à era da cibernética, passando pelos teóricos e protagonistas do conflito e da guerra - tais

⁵⁵ Idem, ibidem, p.131.

⁵⁶ Idem, ibidem, p.134.

⁵⁷ Idem, ibidem, p.136/137.

como, Sun Tsu, Maquiavel, Napoleão, Clausewitz, Hitler, Stalin, Mao - a História perde espaço, o humano fica subjugado à vertigem da aceleração, e a velocidade e o movimento destroem o Tempo: é o que ele chama de "Estado de Urgência", "de Emergência", onde "parar significa morrer".

A obra é futurista como já se afirmou, arrisca-se em substituir o capital pelo *dromos*, tempo-velocidade, é contundente em desterrar a própria terra-espaço, apregoando o seu fim comprimido e interfático.

Propõe a substituição da luta de classes pela luta entre povos *esperançosos e desesperançosos* (os com e os sem tecnologia do tempo poder/velocidade), representando os com e os sem capital - mais valia, já que o tempo poder/velocidade precisa ou mesmo precisou um dia desse para se firmar.

A reflexão do "tempo consumo" nos mostra como os elementos da automação da indústria, do mercado e da própria guerra nos dias vindouros dá elementos para o surgimento da dissuasão, esta única solução que aponta para recuar da aceleração vertiginosa.

Os elementos para o Estado de urgência, de emergência, em que vivemos numa sociedade globalizada, automatizada, informacional demonstram ao mesmo tempo uma mesma sociedade desinformacional em que a liberdade tornou-se peça rara do tabuleiro.

4. Tempo Santuário: o tempo do sagrado

“És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo...
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo...
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo...
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo”
(Oração Ao Tempo - Caetano Veloso)

Na música acima Caetano faz uma saudação ao Tempo. Esse a quem se refere não é o tempo que se tratou até o presente momento, mas sim, uma força da natureza, uma força que compõe destinos, que aceita oferendas, enfim, “*um dos deuses mais lindos*”, ao qual o eu lírico da canção busca fazer um acordo, um ajuste de vontades, almejando um “*brilho definido*” e o “*espalhar benefícios*”.

Sabe-se que o tempo nos cultos afro-brasileiros⁵⁸ é tão importante que ele é um Orixá, um Deus. Tem um ditado africano que conta: “*O Tempo dá, o Tempo tira, o Tempo passa e a folha vira*”.

A grande maioria das casas de candomblé tem em sua entrada ou mesmo seu interior uma grande árvore com raízes que saem do chão e que ficam envoltas com um grande *alá* (pano branco), esta árvore é conhecida como Gameleira Branca. Em iorubá como Iroko ou o Orixá do Tempo, sendo fundamental sua existência numa “casa de santo”.

No Candomblé de Angola o tempo é conhecido como *maianga* ou *maiongáí*, também chamado de Kitêmbô ou mesmo de Iroko na Nação Ketu⁵⁹.

Um conto mitológico iorubá (*oriki*) conta que o Iroko foi a primeira dádiva da terra, um presente de Odudua (Orixá feminino criadora da Terra) aos homens, na verdade uma espécie de cajado da Deusa – Criadora, que por intermédio dele ensina aos homens o sentido da vida. Ademais, conta que o mesmo existe desde o princípio dos tempos e a tudo assistiu, à tudo resistiu e por tudo permanecerá⁶⁰.

No candomblé Ketu aprende-se que Iroko é a essência da vida reprodutiva, do poder da terra, o senhor das estações do ano, o regente das mutações climáticas, e também seria a “*permanência dentro da impermanência e a impermanência na permanência*”, ou seja, o ciclo vital que não muda com o transcorrer da eternidade.

⁵⁸ Quer-se privilegiar no presente artigo diante dos diversos cultos afro-brasileiros o candomblé da nação de Ketu, entendendo este como a religião de matriz afro-brasileira formada inicialmente na Bahia, século XIX, advinda de tradições dos povos *iorubás* ou *nagôs*, com influências das mais diversas trazidas por grupos *fons* ou *jejes*, além de outros grupos africanos IN: SILVEIRA, Renato da. *Jeje-nagô, iorubátapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851*. Revista Cultura Vozes, Petrópolis: 2000, p. 80-101.

⁵⁹ O conceito da *Nação Ketu* é apresentado por Barros, que ao falar das casas de candomblé de Salvador: “*Estas comunidades se autodenominam Ketu, isto é, da nação Ketu, e este termo é aqui entendido como uma categoria cultural, e não de caráter étnico*”. IN: BARROS, José Flávio Pessoa de. *A fogueira de Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005, p.52.

⁶⁰ PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Através dos *orikis* e dos ensinamentos orais aprende-se ainda que foram quatro dias que Olorum (Deus Criador) levou para criar a Terra (*Aiê*), criou quatro *Odus* (num total de 16), quatro são as estações do ano (verão, inverno, outono e primavera), quatro são os elementais da natureza (fogo, água, terra e ar), quatro pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste), assim, também estaria Iroko (Tempo) ligado ao número quatro. O Tempo (Iroko) está sempre em movimento, ora equilíbrio ora desequilíbrio, sempre entre uma e outra extremidade dos pólos (Exu e Oxalá)⁶¹.

Reginaldo Prandi explica que em sociedades de cultura mítica, ou seja, que não conhecem a escrita e a história se dá através da oralidade, o tempo é circular e ainda crê-se que a vida é uma eterna repetição no que já aconteceu num passado remoto narrado pelos mitos, *orikis*⁶².

Os mitos iorubas, *orikis*, não são datados nem mostram coerência entre si, não tem um ajuste linear e contínuo, logo, não se pode julgar se um mito é mais verossímil que outro. Ademais, cada mito serve a uma utilidade ritual, a uma explicação e justificação de fatos, crenças, práticas, ocorrências que compõe o sentido e a existência da comunidade que o cultiva. O mito serve para falar do passado remoto e ainda explicar a vida e as ocorrências do presente⁶³.

O tempo das origens é representado pelo mito, que sustenta um tempo vazio (a-histórico e a-espacial) entre o fato narrado pelo mesmo e o tempo do seu narrador. A narrativa mítica representa a memória coletiva da comunidade, é passada de geração a geração pela oralidade, ela que fornece o sentido geral da vida, das tradições, dos rituais, dos acontecimentos, enfim, abastece de identidade o grupo social.

Sabe-se que as religiões afro brasileiras foram constituídas a partir de tradições orais africanas trazidas pelos escravos (chamada diáspora iorubá), logo, a noção de tempo que se tem internalizada dentro desses grupos é bem diferente do tempo do ocidente, do capitalismo, do consumo, da democracia, da hegemonia cristã-judaica⁶⁴.

⁶¹ PRANDI, Reginaldo. *Op. Cit.*, 2001.

⁶² PRANDI, Reginaldo. *O Candomblé e o Tempo – concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Conferência apresentada no evento “Tempo Inoculado” no Centro Cultural Branco do Brasil. RBCS Vol. 16 nº 47. Rio de Janeiro: 2001, p.43-58.

⁶³ PRANDI, Reginaldo, *op. Cit.*, 2001, p.48.

⁶⁴ FABIAN, Johannes. *Time and the other: how anthropology makes it object*. Nova York, Columbia University Press, 1983 *apud* PRANDI, Reginaldo, *op. Cit.*, 2001, p.43.

A noção de tempo liga-se à vida, à morte, às concepções sobre o mundo em que vivemos e o outro mundo (espiritual), logo, torna-se essencial nas religiões afro-brasileiras, aliás, nessas práticas religiosas noções de tempo, de saber, de aprendizagem, de vivência e de hierarquia são as bases do poder sacerdotal, em especial no candomblé, que se constitui numa cultura mítica, a-histórica, de prática não escrita, mas sim oral⁶⁵.

Aderir a uma religião significa acima de tudo aderir a concepção de mundo trazida por aquela matriz religiosa, isto significa também compartilhar tradições, costumes, fazeres, saberes e práticas, entre elas as de noções de tempo. Um iniciado no candomblé, que tenha aderido à religião, ou seja, nasceu e fora criado dentro de uma outra religião, o que é muito comum em dias vindouros, vai se deparar com uma outra maneira de considerar e viver o tempo.

O que ocorrerá é um outro processo de ressocialização dentro daquele *cosmos*, no sentido de lugar, logo, terá que desenvolver outras ações ou será obrigado por livre e espontânea vontade a se adaptar a certas situações que num primeiro momento possam lhe parecer exóticas, estranhas, não usuais, desconfortáveis. No candomblé tudo tem sua hora, e esta não é a medida no relógio e sim determinada pelo cumprimento de determinadas tarefas e vivências de certas práticas ritualísticas. Essas tarefas e essas vivências podem ser completadas antes ou depois de outras, dependendo de certas ocorrências e de certas imprevisões. É importante frisar que termos como “atrasar”, “adiantar”, “demorar”, “alongar” são estranhos às situações ritualísticas do candomblé, nesta matriz cada atividade, cada ocorrência, cada acontecimento, cada consagração se cumpre no tempo que for necessário, Prandi esclarece “*É a atividade que define o tempo e não o contrário*”⁶⁶.

Nas religiões de matriz africana não se marca o tempo no relógio para iniciar um rito ou uma prática sagrada, diferente do que ocorre nas atividades de matriz cristã, que tem hora marcada pra começar o “culto” ou a “missa”. No candomblé as atividades geralmente são determinadas pelos fenômenos da natureza como “ao nascer do sol”, “depois do almoço”, “de tarde”, “quando o sol esfriar”, “de tardinha”, “de noite”, ou mesmo quando os Órixas determinam, depois que eles “comem”, “dançam”, “vestem”, etc, além disso, é muito comum vários imprevistos ocorrerem e o planejamento ser inviabilizado pela intervenção dos Deuses. Não se usa a hora marcada

⁶⁵ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001.

⁶⁶ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.45.

do relógio, aliás é muito exótico numa “casa de santo” alguém com relógio no pulso, pois o mesmo não tem qualquer utilidade.

O tempo na sociedade cristã-judacia/ocidental é uma mercadoria como já dito, algo a ser consumido, desgastado, comprado, vendido, “tempo é dinheiro”, diferentemente do tempo nas sociedades africanas tradicionais ou mesmo nas práticas dos cultos de matriz afro-brasileira, onde o tempo precisa ser produzido ou criado, como afirma o pensador africano John Mbiti: “*o homem africano não é escravo do tempo, mas, em vez disso, ele faz tanto tempo quanto queira*”⁶⁷.

Pensadores e estudiosos dos iorubás explicam que a contagem dos dias e das semanas nas sociedades africanas tradicionais era feita em função de eventos, assim a mulher poderia controlar a duração de sua gestação, como o homem era capaz de contar a produção de seus cultivos, mas sem uma demarcação cartesiana ou mesmo uma datação. Explicam que os iorubás tradicionais demarcavam duas grandes estações climáticas, uma seca e outra chuvosa, e sempre entre elas uma estação de ventos fortes, logo, visualiza-se que cada ano, bem como, cada estação poderia durar dias ou mesmo semanas a mais ou a menos, no entanto, isso pouco importava⁶⁸.

A semana iorubá era composta de quatro dias, não se computava os meses, mas somente as estações do ano, tampouco se computava aritmeticamente os anos passados. Logo, a duração de cada período era marcada por eventos e mesmo registrada nos mitos (*orikis*), isto é, na memória coletiva da comunidade, precisando terem sido reconhecidos e/ou experimentados.

Tradicionalmente essa semana era conhecida como *ossé* e cada dia era dedicado a um Orixá, eram chamados: Ojô Awô (dedicado a Ifá ou dia do segredo ou do Oráculo); Ojô Ogum (dia de Ogum); Ojô Xangô (dia de Xangô) e Ojô Obatalá (dia de Obatalá ou Oxalá)⁶⁹.

Os sacerdotes e demais membros dos cultos afro-brasileiros assimilaram o calendário e a contagem de tempo usados na sociedade brasileira, com sua hegemonia cristã-judaica, entretanto muitas reminiscências e permanências da concepção africana iorubá podem ser encontradas no cotidiano das “casas de santo”, em especial dos

⁶⁷ MBITI, John S. *African religions and philosophy*. 2ª. ed. Ibadan, Nigeria, Heinemann Educational Books, 1990, p.19 *apud* PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.46.

⁶⁸ ELLIS, A. B. *The yoruba-speaking peoples of the slave coast of West Africa*. 2ª. ed. Londres, Pilgrim, 1974, p.142-151 *apud* PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.47.

⁶⁹ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.47.

candomblés. Exemplificando, um novo ano é festejado de acordo com o *odu*⁷⁰ regente, ou seja, qual o orixá ou quais irão presidir o ano nascente, assim, ao longo do novo ano a saga do Orixá ou dos Orixás regentes tende a se repetir: “*será um ano de guerra, se o orixá for um guerreiro, como Ogum, de fartura, se o orixá for um provedor, como Oxóssi, será de reconciliações, se for de um orixá da temperança, como Iemanjá, e assim por diante*”⁷¹.

John Mbiti e Reginaldo Prandi defendem que o tempo no candomblé:

é cíclico, fatos inesperados são recebidos com espanto. Assim, as ocorrências cíclicas da natureza – por exemplo, as fases da lua e as estações climáticas – são encaradas como acontecimentos normais da vida, mas o que escapa do ritmo normal do tempo é visto com preocupação e medo, como um eclipse, uma enchente etc. O nascimento de gêmeos, que contraria o desenlace normal da gestação, constitui também um fato excepcional⁷².

As religiões de matriz africana não operam numa sucessão linear, objetiva, escalar, cartesiana de tempo, mas sim numa realidade cíclica, assim, esse tempo não pode ser somado, dividido, subtraído, não pode ser medido matematicamente, tampouco pode ser mercadoria passível de comercialização. É o tempo reversível, é o tempo da tradição, é o tempo da não-mudança e ao mesmo instante é o tempo da memória vida e atuante, que se repõe constantemente.

Assim o tempo da religião funde-se como fonte retroalimentadora da identidade que faz viva a memória ancestral, explica-se, no candomblé quando um sacerdote entre em transe com seu Orixá (“vira no santo”), assume uma identidade representada pela dança, que vai reviver as aventuras, os feitos, as experiências daquela divindade, é o passado remoto e coletivo que vêm a toda no presente para fazer-se vivo e atuante, “numa representação em carne e osso da memória coletiva”⁷³.

⁷⁰ O *odu* representa o passado mítico, que se refaz a cada instante no presente, é revelado pelo oráculo do Ifá, assim, cada *odu* traz consigo um conjunto de mitos, cabendo ao *babalaô* (adivinho) descobrir qual deles será o regente do ano, ou mesmo qual deles conta a história que está acontecendo ou que vai acontecer na vida de um “consulente” que o procura em busca de solução para suas aflições ou problemas. Ao identificar o *odu* usando seus apetrechos mágicos de adivinhação (ex.búzios) o *babalaô* identifica o mito, assim, toma conhecimento de quais procedimentos rituais precisara dispor (sacrifícios de animais, recolhimento, comidas, rezas, cantigas, purificações, etc.) para sanar os males que afligem o assistido ou mesmo que irão agradar o (s) Orixá (s) que regerão aquele período, a “fórmula receitada é a mesma aplicada no passado, quando foi usada com sucesso, conforme narra o mito. Nada é novo, tudo se refaz”. In: PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.52.

⁷¹ Idem, ibidem, p.47.

⁷² MBITI, John S. *African religions and philosophy*. 2ª. ed. Ibadan, Nigeria, Heinemann Educational Books, 1990, p.16-17 *apud* PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.48.

⁷³ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.49.

Para os iorubás tradicionais o tempo é uma correlação de eventos que já aconteceram em algum outro momento da história, uma reunião daquilo que já fora experimentado. O passado imediato está umbilicalmente ligado ao presente, do qual é parte viva e mítica, e assim, o futuro seria o *continuum* daquilo que já havia sido desencadeado, uma repetição nova e cíclica dos fatos da natureza, das experiências vividas pelos Orixás, o futuro é tempo vivido, acumulado, acontecido, logo, não faz qualquer sentido falar de um futuro imprevisível, inédito, totalmente desligado do presente que nada mais é que o passado imediato e vivo⁷⁴.

O passado mais próximo, diferente do mítico, é formado por eventos e acontecimentos que povoam a vida particular dos indivíduos, estas ocorrências dependem da memória e experiências pessoais de cada um, no entanto, uma coisa está totalmente ligada a outra, explica-se o passado próximo também compõe ou pode compor o passado mítico. A lembrança dos mortos pelos parentes vivos faz parte do passado recente e mais próximo destes, confundindo com o presente, participando da experiência atual dos vivos enquanto lembranças, assim, continuam fazendo parte da família, são por ela cultuados, louvados, alimentados, respeitados até que um dia possam retornar reencarnados. Na reencarnação tudo se repete, o tempo cíclico opera e o ciclo se recompõe, assim como, as estações do ano, as fases da lua, os ciclos reprodutivos, as vidas dos seres humanos resignificam-se na reencarnação, “cíclica é a natureza, cíclica é a vida do homem, cíclico é o tempo”⁷⁵.

No tempo da ciência, da razão, da modernidade, da racionalidade em que se vive, logo, o tempo do capitalismo, do consumo, da democracia, opera numa lógica escalar de precisão, objetivamente “*os acontecimentos são enfileirados uns após outros, em sequências que permitem organizá-los como anteriores e posteriores, uns como causa e outros como consequência, construindo-se uma cadeia de correlações e causalidades que conhecemos como história*”⁷⁶.

O tempo da história, em especial da história contada pelos vencedores, da história ocidental de origem cristã-judaica, é o tempo irreversível, escalonado, que enfileira as ocorrências que foram destacadas como importantes de serem registradas e estudadas.

⁷⁴ SOYINKA, Wole. *Myth, literature and the African world*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995, p.10 *apud* PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.48.

⁷⁵ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.49.

⁷⁶ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.48.

Não se pode negar as conseqüências e as influências que esse tempo ocidental, do capitalismo, de origem cristã-judaica, têm exercido sobre as religiões de matriz-africana e sobre os costumes da cultura popular, também originalmente ancorados no tempo cíclico.

Na nossa sociedade ocidental, caso da brasileira, hegemonicamente cristã e onde o capitalismo impera, a juventude é extremamente valorizada, é o tempo da mudança, da energia total, da força ativa de trabalho, da produção, da eficiência, da saúde, assim também, espera-se que os jovens acumulem mais conhecimentos que os velhos. Já a velhice não é valorizada, ao contrário, significa a idade da não produção, da estagnação, do atraso, da não mudança, da aposentadoria (na etimologia: recolhimento aos aposentos), da não vida pública. Na nossa sociedade o jovem não aprende mais convivendo com os mais velhos, isso tampouco é estimulado, ao contrário é amplamente desestimulado.

Na sociedade capitalista em que vivemos, onde o tempo é linear, objetivo, racional, contado, medido, vendido e irreversível, cada vez mais os símbolos, as marcas, as imagens e referências de um tempo circular vão se esvaindo, por exemplo, hoje os relógios são digitais e não mais analógico, quando os ponteiros davam a volta em todo círculo para retornarem ao ponto zero. Os supermercados e *shoppings* são 24 horas, o consumo é insaciável, diferente de outros tempos em que as feiras de trocas ou vendas do passado tinham dias certos da semana para acontecerem, o dia do mercado era pré-determinado. Os canais de televisão, a internet, o telefone, enfim, tudo está praticamente *full-time*, instantâneo, imediato, para não dizer volátil; obra da eletricidade e do desenvolvimento tecnológico que deram fim a escuridão e fez da noite pleno dia⁷⁷.

Na própria natureza o tempo cíclico vai perdendo importância, haja vista, a engenharia dos transgênicos - e demais cruzamentos geneticamente modificados ou não - atropelam as estações do ano, fazendo crer numa produção atemporal, não necessitando mais dos ajustes da natureza e cada vez com maior volume, densidade, produtividade, eficiência e por óbvio imenso lucro.

Afirma-se que o presente foi descortinado com descontinuidade, com rupturas incessantes, assim, o passado não é capaz de explicar, nem tampouco complementar o presente. Nos dias atuais diz-se que os mitos (*orikis*) estão sendo esquecidos e não relatados aos mais jovens; que os *odus* vêm sendo simplificados, os

⁷⁷ PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.56.

ritos sagrados sumarizados, os sacrifícios suprimidos, as rezas enxugadas, dentre outros fatores que fazem os Orixás estarem mais adaptados à modernidade⁷⁸.

A respeito do tempo, em especial do tempo do saber, conta-se que algumas casas de candomblé hoje no Brasil ainda são tradicionalistas, pelo menos é o que afirmam os estudiosos do assunto:

Ainda hoje nos candomblés do Brasil procura-se ensinar que a experiência é a chave do conhecimento, que tudo se aprende fazendo, vendo, participando. Cada coisa no seu devido tempo. Assim, o conhecimento do velho é o conhecimento legítimo, ao qual se chega ao longo de toda uma vida⁷⁹.

5. Considerações Finais

Muitas vezes precisa-se que o tempo seja favorável no sentido de ser mais rápido, noutras não, quer-se que o mesmo pare, que atrase, que passe lento, assim, com o bom uso do tempo muitas coisas se modificam ou podem ser modificadas.

Com a obra de Paul Virilio e as reflexões do tempo que se vive na atualidade, ou seja, na atual fase do sistema capitalista, têm-se um quadro conjuntural bastante vibrante, o tempo hoje não passa, voa, se liquefaz, não há tempo para nada e tudo é uma disputa de tempo, do seu tempo, do meu tempo, do nosso tempo.

O direito já sofre conseqüências imensuráveis por esse tempo hegemônico, por exemplo, observem-se as “metas” impostas pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) em que os juízes devem julgar mais em menos tempo, exige-se mais eficiência, mais produtividade, mais velocidade, mais agilidade, mais rapidez, tudo se possível em tempo mínimo.

O processo penal sofre com perda de garantias e direitos constitucionalmente e internacionalmente resguardados, cada vez mais, as ideologias da “Lei e Ordem” e da “Tolerância Zero” impregnadas no senso comum, nos veículos de comunicação de massa, nas Faculdades de Direito (academias), dentro do Poder Judiciário, enfim, acabam impondo uma lógica de maior punição ao criminoso em menos tempo. Acredita-se que o processo penal não pode andar moroso, lento e burocrático como está, tampouco pode estar junto ao tempo-velocidade da dromologia, ou seja, não pode ser rápido demais, sob pena de cercear a ampla defesa e atropelar o

⁷⁸ Idem, ibidem, p.56.

⁷⁹ Idem, ibidem, p.54.

devido processo legal. Seriam estes elementos do chamado “*processo penal do inimigo*”, ou seja, um processo penal rápido, vigoroso e implacável em punir e encarcerar.

Como diria um brocardo jurídico: “o processo penal é igual andar de bicicleta, não pode ser lento demais senão acaba parando, tampouco rápido demais a ponto de sofrer um grave acidente!”.

Neste quadro de mudanças, de refazer o tempo social, François Ost apresenta como figuras da retemporalização: a memória, o perdão, a promessa e a retomada de discussão. Em suma, o perdão entende Ost que seria a capacidade que a sociedade tem em “soldar o passado”, no sentido de trazê-lo à tona e libertá-lo, sem ressentimento, sem vingança, sem punição, rompendo eticamente o ciclo da vingança. A promessa é o “creditar no futuro”, comprometer-se e assegurar normativamente um momento que virá em desenvolvimento, garantindo-o em face da “caótica incerteza do amanhã”, assim, o futuro é inédito, podendo ser nefasto, imprevisível, terrificante. O perdão associa-se a memória e a promessa a retomada da discussão⁸⁰.

Francis Ost acaba por formular uma proposta ousada, ou seja, quer o direito como medida para o tempo, aplicando norma, proporção, limite e ritmo, traz a alegoria do rio para discutir esse tempo no direito, o rio irreversível com reversibilidades, de cada reversão, uma nova irreversibilidade, por fim, conclama o presente e a responsabilidade⁸¹.

Compartilha-se dessas reflexões de Ost, no entanto, ousa-se embê-las com o tempo santuário, neste a memória é viva, não precisa ser retomada; a promessa é presente (que une instantaneamente passado e futuro); o perdão é exercício ético diário, é um perdão ativo, que reajusta as permanências do preconceito vivo e até hoje vivenciadas pelas práticas culturais e religiosas de matriz africana. A retomada de discussão é a imposição que se coloca ao atual momento. Sem qualquer sombra de dúvida, precisa-se debater o tempo ou os tempos.

Uma lição que serviria ao momento vem de Roger Bastide, um estudioso do candomblé no Brasil na década de 50, ele afirma: “*são os sacerdotes que têm a noção do valor do tempo; é o tempo que amadurece o conhecimento das coisas; o*

⁸⁰ OST, François., op. Cit., 2005, p.45-49/ 131-137/187-191/301-305.

⁸¹ *Idem Ibidem*, p.43.

*ocidental tudo quer saber desde o primeiro instante, eis por que, no fundo, nada compreende*⁸².

Não resta dúvida em afirmar que o candomblé, bem como, as demais práticas culturais e/ou religiosas que tem matriz afro-brasileira tem sofrido uma contradição muito forte diante desses dois conceitos de tempo opostos e conflitantes entre si. Cada tempo ensina uma forma de aprender, de saber, de ensinar, de autoridade, de valorização de tradições, de hierarquia, de paciência, de acumular; cada qual sustenta noções de morte, de vida, de doença, de velhice, de juventude, enfim, de sacralização.

No nascimento do candomblé, enquanto prática religiosa afro-brasileira, o próprio atualizou-se num novo ambiente histórico, requalificou códigos religiosos, ressignificou símbolos e práticas sagradas, assim *“produzindo uma resposta capaz de apoiar a população africana e de seus descendentes na afirmação da vida no processo da diáspora, parece que novos desafios continuam se apresentando e as respostas são dadas no exercício da tensão entre a legitimidade da tradição e sua capacidade de oferecer sentidos à vida em seu tempo real e histórico*⁸³.

As tradições religiosas, mesmo o candomblé, acabam por se atualizar, se ressignificar, enfim, operar a lógica da mudança no contexto da modernidade, no entanto, deve fazê-lo sem perder a tradição, seus costumes, suas leis, seus princípios, sua mágica e seu encantamento. Por outro lado, no cerne da tensão social, o tempo do capital, do consumo, da ultra velocidade, também precisa ser alterado, atualizado para um próximo período que virá, assim, ressignificando dentro da diversidade cultural brasileira, enfim, a hora é realmente de mudança!

O tempo, enquanto demarcação de passagem de momentos vem rápido e fulminante; passa ligeiro; montando no próprio tempo; castiga para ensinar aos homens o sentido da vida; não chega, mas sim atropela; demonstra o sentido das coisas, das prioridades, dos saberes, e quando menos se espera o tempo para cada pessoa, o tempo da *práxis* humana, esvai-se, enquanto o ‘Tempo’ permanece eternizado. Como diria o babalorixá Marcos Torres *Ti Odé* *“o Tempo voa porque não é filhote!”*⁸⁴.

⁸² BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. 3ª. ed. São Paulo, Nacional, 1978, p.12 *apud* PRANDI, Reginaldo, op. Cit., 2001, p.53.

⁸³ TORRES, Marcos Antônio Cunha. *O Silenciar dos Atabaques: trajetória do candomblé de Ketu em Goiânia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia: 2009, p.112.

⁸⁴ TORRES, Marcos Antônio Cunha., op. Cit., 2009.

6. Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ARISTÓTELES. *Psysique*. Paris: Belles Lettres, 1952. 219b2, p.150 *apud* OST, François, EDUSC: , ANO, p.22.
- AGOSTINHO, Santo. *Les Confessions*. Traduit par J. Trabucco. Paris: Garnier, 1964 *apud* OST, François, EDUSC; p.22.
- AVENY, Anthony. *Empires of Time: calendars, clocks and cultures*. New York: Kodansha America, 1995.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. *A fogueira de Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1971.
- _____. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. 3ª. ed. São Paulo, Nacional, 1978.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- ELLIS, A. B. *The yoruba-speaking peoples of the slave coast of West Africa*. 2ª. ed. Londres, Pilgrim, 1974.
- FABIAN, Johannes. *Time and the other: how anthropology makes it object*. Nova York, Columbia University Press, 1983.
- LOBÃO, Ronaldo. *Relações Tempo/Espaço/Cognição*. Texto inédito parte inicial do Capítulo 5 da tese de doutorado defendida no PPGAS/UNB em 2006, Nitéroí: PPGSD-UFF, 2009.
- _____. *Uma viagem pelos tempos*, Texto inédito, Nitéroí: PPGSD-UFF, 2009B, p.05/06.
- MATTOS, Carlos Lopes. *Santo Tomás de Aquino: Vida e Obra*. In: Tomás de Aquino. São Paulo: Editora Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores), 2000.
- MBITI, John S. *African religions and philosophy*. 2ª. ed. Ibadan, Nigeria, Heinemann Educational Books, 1990.
- OST, François. *O tempo do direito*. Bauru: EDUSC: 2005.
- PRANDI, Reginaldo. *O Candomblé e o Tempo – concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Conferência apresentada no evento “Tempo Inoculado” no Centro Cultural Branco do Brasil. RBCS Vol. 16 nº 47. Rio de Janeiro: 2001.
- _____. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- SILVEIRA, Renato da. *Jeje-nagô, iorubátapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851*. Revista Cultura Vozes, Petrópolis, 2000.
- SOYINKA, Wole. *Myth, literature and the African world*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995.
- SUE, R. *Temps ET ordre social*, Paris: PUF, 1994, p.20 *apud* OST, François., op. Cit., 2005, p.25.
- TORRES, Marcos Antônio Cunha. *O Silenciar dos Atabaques: trajetória do candomblé de Ketu em Goiânia*. Mimeo. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia: 2009.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- VIRILIO, Paul. *Speed and Politics*. Los Angeles: Semiotext, 2007.
- WHITROW, G. W. *O Tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.